

MIRAGENS E DADAÍSMO REPRESENTAM ANGOLA

Festival de teatro lusófono com peças inéditas

Presente edição homenageia actriz portuguesa Maria do Céu Guerra

ANTÓNIO BEQUENGUE |

A terceira edição do Festival de Teatro de Língua Portuguesa (Festlip), que se realiza de 14 a 25 do próximo mês, no Rio de Janeiro, Brasil, vai contar com a participação inédita dos oito países lusófonos, confirmou ao Jornal de Angola, a directora artística do festival, Tânia Pires.

Tânia Pires frisou que para a presente edição do festival, que vai homenagear a actriz portuguesa Maria do Céu Guerra, está prevista a realização de 40 espectáculos, com entradas francas, por 15 grupos teatrais lusófonos, sendo dois de Angola (Miragens e Dadaísmo), Companhia Novo Ato, Os Fofos Encenam e Barracão Cultural (Brasil), A Barraca, Trigo Limpo e Binólogos (Portugal), Teatro Mericional e Centro Cultural do Mindelo (Cabo Verde), Companhia de Teatro Gungo (Moçambique), Grupo de Arte Lorosae (Timor Leste), Grupo Fôló Blagi (S. Tomé) e GTO Bissau (Guiné-Bissau).

Para além dos espectáculos dramáticos, o programa do festival reserva ainda a realização de oficinas, exposição fotográfica, shows, mostra de gastronomia e debates. “No dia 20 de Julho, o Espaço Sesc recebe o debate sobre o tema “A imprensa no universo teatral da língua portuguesa”, com mediação da crítica, ensaísta e professora Tânia Brandão, e, no dia seguinte, o Teatro Sesc Ginástico abriga “O diálogo do teatro dos países de língua portuguesa”, mediado pelo dramaturgo e roteirista Bosco Brasil, disse.

Referiu que o primeiro festival a promover o intercâmbio teatral entre países da língua portuguesa, o Festlip, realizado pela Talu Produções em parceria com a Rede SESC Rio, chega à sua terceira edição a comemorar, pela primeira vez, a participação maciça das nações lusófonas,



Colectivo de Artes Miragens leva à cena no Brasil “4&30”, depois da sua internacionalização em Almada e Mindelo

nomeadamente Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

“É gratificante ver o crescimento e a consolidação do Festlip”, afirma a atriz e produtora Tânia Pires, idealizadora do festival. “Começamos com dez espetáculos de cinco países. No ano seguinte, tivemos a entrada da Guiné-Bissau e já somávamos mais de 400 grupos inscritos e 31 mil espectadores nas duas edições. Agora contabilizamos quase 800 inscrições e 15 peças que representam todos os integrantes da CPLP. É mais um passo no objectivo de estreitarmos os laços entre culturas tão distintas e ainda muito distantes”.

Este ano, a programação teatral circula novamente pelo Teatro SESC Ginástico, Espaço SESC e SESC Tijuca e se estende pelo SESC Rio Casa da Gávea e Caixa Cultural-Teatro Nelson Rodrigues.

Segundo Tânia Pires, o Festlip Show, sucesso de público nas duas primeiras edições, retorna mais uma vez ao bairro da Lapa, agora num espaço maior: o Teatro Odisséia. No espaço vão apresentar-se os brasileiros Teresa Cristina e Orquestra Voadora; o angolano Abel Duerê; o grupo moçambicano Cheny Wa Gune Quarteto, e o músico caboverdiano Hélio Ramalho. Completam a diversificada equipa musical o DJ MAM e Elisa Lucinda, que faz participação especial de-

clamando poemas do escritor português Fernando Pessoa.

O Festlip conta com apoio do Ministério da Cultura do Brasil, Secretarias de Cultura do Estado e Município do Rio de Janeiro, FUNARTE, DGArtes-Ministério da Cultura de Portugal, Instituto Camões, CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) e todas as embaixadas dos países participantes.

Homenagem Mercida

Uma das mais proeminentes actrizes de Portugal, Maria do Céu Guerra desloca-se ao Brasil, no próximo mês, com a premiada Companhia de Teatro A Barraca, que ajudou a fundar há 35 anos, para apre-

sentar o espectáculo “Agosto-Contos de Emigração” e receber o troféu Festlip 2010, pela sua contribuição ao teatro em mais de quatro décadas de carreira.

Segundo o programa do Festlip, a actriz e directora da Companhia de Teatro A Barraca ministra ainda uma oficina teatral aos participantes do festival e a estudantes de teatro como ouvintes, nos dias 19 e 20 de Julho, no Espaço Sesc, em Copacabana.

Nascida em 1948, a actriz portuguesa Maria do Céu Guerra é considerada um dos maiores vultos do teatro contemporâneo. Depois de se ter estreado como actriz profissional na Casa da Comédia, e de ter participado em “O Tartufo” (1969), onde contracenou com Raul Solnado, Curado Ribeiro e Manuela Maria, esteve presente, em 1971, na fundação do Teatro Experimental de Cascais, um dos marcos do teatro independente português, onde participou em peças como “Auto de Mo-fina Mendes”, (1973), de Gil Vicente, e “A Casa de Bernarda Alba”, (1974), de Federico Garcia Lorca.

Depois de um curto período no teatro de revista, criou em 1975 o grupo “A Barraca” onde interpretou peças como “D. João VI” (1978) de Helder Costa, “Calamity Jane” (1988), “A Cantora Careca” (1992) de Eugene Ionesco e “O Avarento” (1994) de Molière. Juntamente com “A Barraca” fez digressões bem-sucedidas pelo Brasil, Colômbia e Venezuela. As suas incursões no cinema e na televisão foram escassas: estreou-se cinematograficamente com “O Mal-Amado” (1972), tendo participado também na “Crónica dos Bons Malandros” (1984) e no “O Anjo da Guarda” (1999). Na televisão, para além da peça “O Pranto de Maria Parda” (1998) de Gil Vicente, protagonizou a série cômica “Residencial Tejo” (1999-2002).

“ÚLTIMA DÉCADA”

Exposição mostra lado católico de Warhol

A curadora de “Andy Warhol: A Última Década”, que abre, na sexta-feira, no Museu de Brooklyn, disse, ontem, que a exposição revela “o lado mais irreverente e exuberante de uma personalidade do mundo das artes, mas dentro da faceta de católico”.

Sharon Mat Atkins adiantou que a mostra vai, igualmente, ajudar a compreender que a pop art foi apenas uma fase, de sete anos, que Andy Warhol teve na década 1960, antes de, na de 1980, ter optado pela arte abstracta e as imagens cristãs, especialmente as das suas versões de “A Última Ceia”.

“Como um pioneiro da pop art, Andy Warhol trilhou o seu caminho para a fama com obras que se transformaram na sua marca registada, como as caixas de ‘Sopa Brillo’ ou latas de ‘Sopa Campbell’”. Apenas os mais próximos sabiam que ele era uma pessoa religiosa e ia à missa”, referiu.

Sharon Matt Atkins frisou não ser muito conhecido o facto de Andy Warhol frequentar uma igreja em Upper East Side, de Manhattan, “um mundo completamente diferente do estúdio Factory, localizado no centro e visitado por pessoas excêntricas”.

“Quando chegou aos 50, começou a analisar a carreira e a explorar



Andy Warhol autor da exposição “Última Década”, em cera, no Museu Madame Tussaud’s

mais temas religiosos. Na exposição é possível ver, também, o artista reflectir sobre a inevitabilidade da morte”, disse.

Um ano antes da morte, Andy criou mais de cem trabalhos que refaziam o famoso quadro “A Última Ceia”, de Leonardo da Vinci. “Para um artista obcecado com a morte, a última refeição de Jesus era como o desastre do fim da vida consumado na pintura”, afirmou a curadora.

Três das versões da “Última Ceia”, de Andy Warhol, são de tamanhos monumentais, que variam entre os 7,6 metros e os 10,7 metros de comprimento.

Outro quadro de realce na mostra é um quarteto de Cristos, com um trio de motocicletas e uma águia vermelha, que marca a irreverência característica do artista, mas revela, também, a espiritualidade de Andy, referiu Sharon Matt Atkins.

“A maior tela da mostra tem 112 retratos de Cristo, uma referência aos ícones repetidos da arte Bizantina. Os pais de Andy Warhol, imigrantes da Eslováquia, criaram-no como um católico bizantino, uma linha do cristianismo, com uma igreja na cidade em que o artista nasceu, em Pittsburgh, Estados Unidos”, disse.

TEATRO

Actriz Scarlett Johansson conquista “Prémio Tony”

A actriz Scarlett Johansson conquistou, na segunda-feira, o prémio de teatro Tony pela interpretação em “A view from the bridge”, peça com a qual se estreou na Broadway, e contracenando com Liev Schreiber.

“Não sei o que dizer. Pertencer à comunidade da Broadway foi sempre um sonho desde criança”, disse Johansson emocionada, que agradeceu a Schreiber, nomeado para melhor actor, ter-lhe servido de “guia na estreia no teatro”.

Na peça “A view from the bridge”, de Arthur Miller, Scarlett Johansson interpreta o papel de Catherine, uma adolescente que se converte na obsessão de um homem atormentado.

Os prémios Tony, criados em 1947 e que têm o nome da actriz, realizadora e produtora Antoinette Perry, são considerados os mais prestigiados do teatro dos Estados Unidos, equivalentes aos Óscar no cinema, aos Grammy na música e aos Emmy na televisão.



Actriz foi distinguida com “Prémio Tony” pela interpretação em “A view from the bridge”